

A LEITURA DA PAISAGEM PELOS CROQUIS CARTOGRÁFICOS DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

LANDSCAPE READING BY THE CARTOGRAPHIC SKETCHES OF YOUTH AND ADULTS EDUCATION STUDENTS IN SITUATION OF FREEDOM DEPRIVATION

LA LECTURA DE LOS PAISAJES POR LOS CROQUIS CARTOGRÁFICOS DE LOS ALUMNOS DE LA ENSEÑANZA DE JÓVENES Y ADULTOS EN SITUACIÓN DE PRIVACIÓN DE LIBERTAD

João Marcos Garcia Vieira¹
Andréa Aparecida Zacharias²

RESUMO: O presente artigo analisa mapas mentais elaborados a partir de croquis cartográficos dos bairros de vivências dos alunos do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da E.E Prof. *Léo Pizzato*, alocada na unidade prisional do Município de Assis/SP/Brasil. Objetiva-se entender como o raciocínio geográfico atua sobre os diferentes ambientes que compõem suas paisagens. A metodologia adotada levou em conta as propostas de Vieira e Zacharias (2020 e 2021) e Simielli (1996), baseadas na Cartografia Social. Esta caracteriza-se por trazer reflexões sobre as realidades de comunidades fragilizadas mediadas por atividades escolares compostas pela tríade - Ensino de Geografia – Espaço – Linguagem Cartográfica. Os croquis cartográficos foram avaliados considerando a operação cognitiva espacial do *Raciocínio Geográfico* (RG) das práticas espaciais representadas pelos reeducandos. Ao fim, foi possível verificar que os mapas mentais refletiram sobre seus lugares de vivências, evidenciando os espaços percebidos, vividos e afetivos, quando em privação de liberdade.

Palavras-chave: Ensino e Leitura da Paisagem. Croquis Cartográficos e Mapas Mentais. Raciocínio Geográfico.

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Paulista – UNIP. Graduando em Bacharel e Licenciatura em Geografia pela Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – FCTE/UNESP/Câmpus de Ourinhos. Profº de Sociologia e Filosofia na SEE/São Paulo. Profº de Ciências Humanas - Projeto “Educação nas Prisões” na D.R de Ensino de Assis/SP. Profº de Geografia do Colégio Paraguaçu em Paraguaçu Paulista/SP. Membro do Grupo de Pesquisa em Geotecnologias e Cartografia aplicadas à Geografia – GEOCART/CNPq/Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4553-2847>. Email: joaomarcos90@hotmail.com

² Profª Drª da Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação – FCTE da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – FCTE/UNESP/Câmpus de Ourinhos-SP. Profª Credenciada no PPGG/IGCE/UNESP/Câmpus de Rio Claro-SP. Líder do Grupo de Pesquisa em Geotecnologias e Cartografia aplicadas à Geografia – GEOCART/CNPq/Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9992-7927>. E-mail: andrea.zacharias@unesp.br

ABSTRACT: This article analyzes planned maps made from neighborhoods cartographic sketches of students from High School of Youth and Adult Education (EJA) at E.E Prof. Léo Pizzato, allocated in the prison unit of the Municipality of Assis/SP/Brazil. The objective is to understand how the territory acts on the different areas that serve its landscapes. The proposed methodology took into account the proposals of Vieira and Zacharias (2020 and 2021) and Simielli (1996), based on Social Cartography. This is characterized by comments on the realities of fragile communities mediated by school activities composed of the triad - Teaching Geography - Space - Cartographic Language. The cartographic sketches were considered as a spatial cognitive operation of the Geographical Reasoning (RG) represented by the inmates. Finally, it was possible to verify that the maps reflected on their neighborhoods, highlighting the way they perceive, live and relate to spaces in a situation of liberty deprivation.

Keywords: Teaching and Reading of Landscape. Cartographic Sketches and Mind Maps. Geographical Reasoning.

RESUMEN: El presente artículo analiza mapas conceptuales elaborados a partir de croquis cartográficos de los barrios de vivencias de los alumnos de la Enseñanza Mediana de la Educación de Jóvenes y Adultos de la E. E. Prof. Léo Pizzato, ubicada en la unidad de cárcel de la ciudad de Assis/SP/Brasil. Se objetiva entender como el raciocinio geográfico actúa hacia los distintos ambientes que componen sus paisajes. La metodología adoptada ha considerado las propuestas de Vieira e Zacharias (2020 y 2021) y Simielli (1996), basadas en la Cartografía Social. Esa se caracteriza por traer reflexiones sobre las realidades de comunidades en vulnerabilidad por medio de actividades escolares que componen la triada – Enseñanza de Geografía – Espacio – Lenguaje cartográfico. Los croquis cartográficos son evaluados considerando la operación cognitiva espacial del Raciocinio Geográfico (RG) de las prácticas espaciales presentadas por los educandos. Al fin, fue posible verificar que los mapas mentales hablaban sobre sus lugares de vivencias, evidenciado los espacios percibidos, vivido y afectivo, cuando en privación de libertad.

Palabras clave: Enseñanza y Lectura del Paisaje. Croquis Cartográficos. Mapas Conceptuales. Raciocínio Geográfico.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade estabelecer uma relação entre o raciocínio geográfico pelo espaço vivido e a leitura da paisagem pelos croquis cartográficos dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em situação de privação de liberdade, da cidade de Assis/SP/Brasil.

Neste sentido, entendemos que o ensino de Geografia é fundamental para que os alunos consigam ir além da compreensão da distribuição dos fenômenos que ocorrem na superfície terrestre, por despertar, por meio de leituras e práticas espaciais, a compreensão da existência desses fenômenos. De forma que, a pergunta prevalente, sempre deva levar e/ou estimular os estudantes a uma reflexão crítica e dialógica do porquê do acontecimento desses fenômenos nos diferentes ambientes que compõem a paisagem.

Assim, para que isso ocorra com clareza no processo de ensino e aprendizagem, torna-se importante, na mediação pedagógica, mostrar aos alunos a forma como a Geografia vê, analisa, interpreta e se preocupa com a realidade socioespacial e suas interações na sociedade em que está inserida.

Para tanto, como proposta de caminhos metodológicos para a mediação pedagógica em sala de aula, tem-se a operação cognitiva do raciocínio geográfico como uma prática que busca a aprimoração dos diferentes conceitos e praticabilidades pelo Componente Curricular Geografia, ao ensinar os alunos a entender, compreender e ler o mundo. Mas,

[...] ler o mundo vai além dos livros e das linguagens cartográficas, uma vez que, não é apenas uma leitura do mapa ou pelo mapa. E, sim compreender tudo aquilo que faz parte da dinâmica do espaço. Por isso sua leitura traz uma marca na vida dos homens, visto que o exercício de compreensão do mundo irá levá-lo ao resultado da vida em sociedade. A partir desta relação dialógica, é preciso criar possibilidades para encontrar formas de ler o mundo, produzindo um conhecimento que possa ser empregado, no decorrer do desenvolvimento da metodologia do ensino de Geografia, em sala de aula. (VIEIRA; ZACHARIAS, 2020, p. 10-11)

Uma vez que:

[...] o conhecimento geográfico produzido na escola pode ser o explicitamente do diálogo entre a interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço geográfico que os condiciona. (REGO, 2000, p. 8)

Desse modo, na lógica da ciência geográfica, o raciocínio geográfico se destaca em práticas pedagógicas que despertam nos alunos a compreensão sobre a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos geográficos na superfície terrestre, bem como as conexões existentes entre componentes físico-naturais e suas ações antrópicas (RICHTER; MORAES, 2020).

E, dentre as propostas de atividades pedagógicas que mobilizam práticas espaciais para o desenvolvimento de operações cognitivas, temos os croquis cartográficos como:

[...] um esboço que não obedece à rotina técnica para a elaboração de mapas. Não tem como finalidade a divulgação para o público; contém informações sobre uma pequena área e sofre a falta de uma representação cartográfica detalhada. (IBGE, 1985, p. 9)

Isso posto, com o auxílio do croqui cartográfico o aluno é levado a iniciar uma reflexão do seu espaço vivido e a operacionalizar o pensamento geográfico. Diante disso, conceitos importantes podem ser apresentados aos estudantes, como o da Paisagem que é um dos grandes pilares e categorias do ensino do componente curricular Geografia.

Por muito tempo, houve a necessidade de se criar uma definição própria para o que seria a Paisagem, bem como de que modo esse conceito seria utilizado não somente

pela Geografia, mas também pelas demais ciências. Através do conhecimento popular, a Paisagem podia ser definida como uma área que poderia ser alcançada pela visão.

Todavia, com a evolução do se pensar como trabalhar o raciocínio geográfico, o conceito de Paisagem também foi ampliado e modificado para além da visão naturalista, agregando a ela a relação entre a sociedade, a natureza, a cultura e suas inter-relações. Desde então, para Milton Santos “a paisagem é o que é aprendido pelo sujeito através dos sentidos” (Santos, 2008, p.22). Nessa concepção, ela não é mais entendida apenas pelo alcance da visão, mas sim pela percepção do seu lugar de vivência. Daí a força de estudar e pensar as dinâmicas que compõem os diferentes ambientes da Paisagem do lugar.

É justamente pela análise da Paisagem do lugar de vivência, pelos croquis cartográficos que os estudantes são levados a perceber e refletir sobre a formação histórico cultural e social em que eles estão inseridos. Ao relacionar a paisagem com o lugar de vivência, o aluno é levado a se apropriar de conceitos que são essenciais para a evolução do raciocínio geográfico.

Portanto é dentro do ensino de Geografia que tais conceitos devem ser apresentados aos alunos e trazê-los para mais perto da realidade, para o seu local vivido, percebido e sentido. Para isso, é importante que o processo de ensino de Geografia esteja pautado na reflexão, na conscientização e na realidade dos alunos.

Reflexões essas mais que suficientes para estimular a proposta deste artigo que explicita sobre a leitura da paisagem pelos croquis cartográficos dos alunos da educação de jovens e adultos (EJA) em situação de privação de liberdade.

OS CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA A LEITURA DA PAISAGEM

O grande desafio do ensino, na atualidade, é fazer com que os professores busquem formas de tornar suas aulas mais atrativas e dinâmicas. Assim, incluir os alunos neste processo é fundamental para que possam ser sujeitos críticos, reflexivos e, acima de tudo, cidadãos.

Logo, a pesquisa tem como proposta os caminhos metodológicos apresentados por Vieira e Zacharias (2020 e 2021), cujo objeto de análise baseia-se no **método da Cartografia Social (CS) trabalhado** durante as aulas. A utilização deste se justifica, uma vez em que os alunos se tornam protagonistas do seu aprendizado, visto os procedimentos metodológicos trazerem dados sobre as realidades de comunidades fragilizadas socialmente, economicamente e politicamente, a partir da elaboração de mapas, compostos de leituras críticas, acerca da realidade vivida por um grupo social.

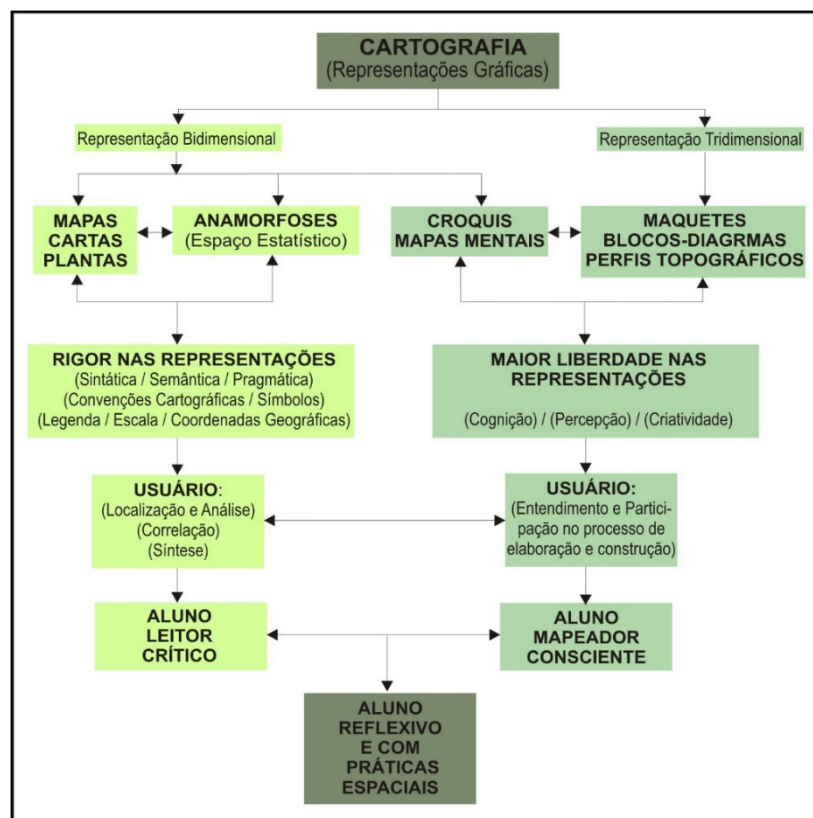
A Cartografia social não é meramente uma técnica de cartografia ou de representação, mas sim a construção de um processo social, a partir da percepção da visão de mundo daqueles que elaboram os mapas. Assim sendo, ela deve ser:

“[...] compreendida, como um processo e não uma técnica de representação em si, a CS tem como princípio a auto representação do sujeito que se apropria do território e ali constrói sua identidade. Esse processo envolve percepção, concepção e representação” (GOMES, 2017, p. 99).

E, para aplicar a Cartografia Social em sala de aula, a pesquisa utiliza as os raciocínios metodológicos propostos por Simielli (1996), ao estimular a elaboração de croquis cartográficos para a formação do aluno leitor crítico e mapeador consciente. O exercício favorece a formação de alunos reflexivos sobre as realidades sociais, ambientais e culturais de mundo, a partir das práticas espaciais por eles representadas.

De acordo com Simielli (1996), partindo do pressuposto que os alunos já tenham noções de uma alfabetização cartográfica, pelos anos anteriores, o professor deve trabalhar o mapa em dois eixos (Figura 1):

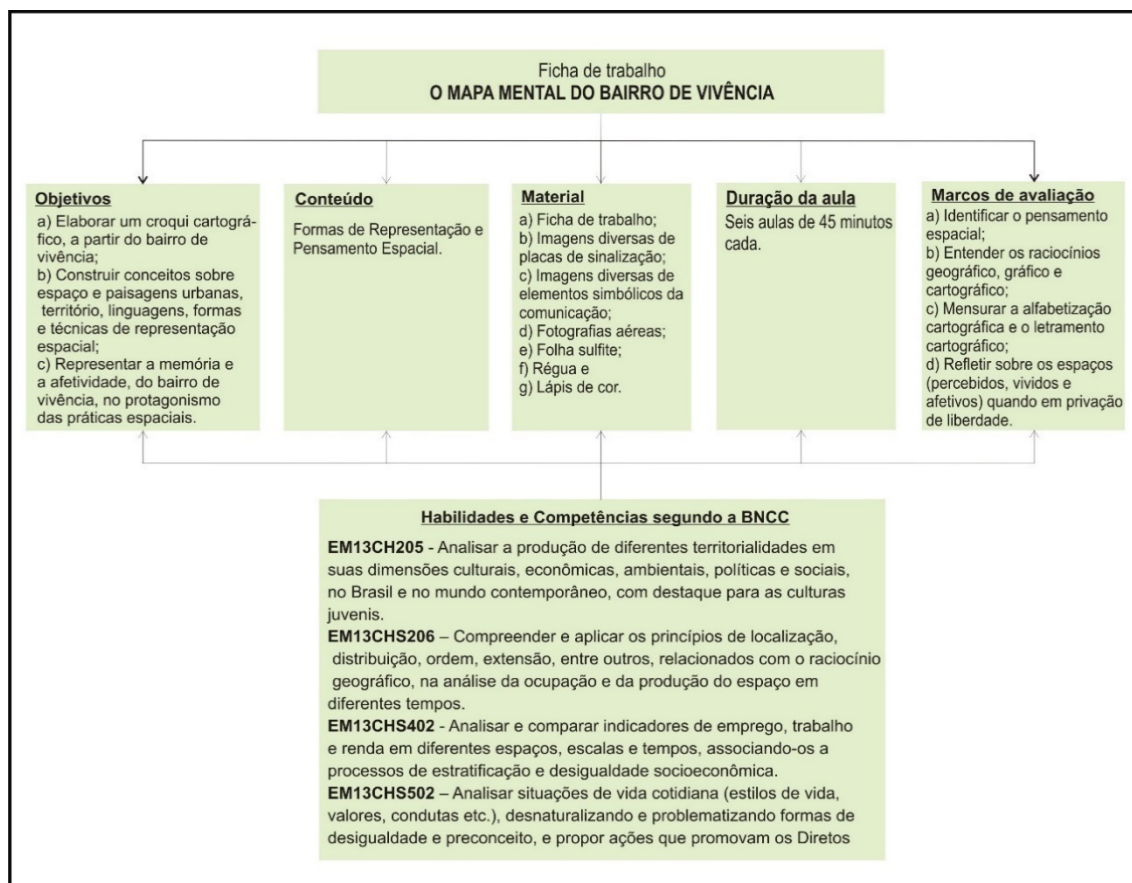
- a) um primeiro eixo, onde se trabalha com o produto cartográfico já elaborado - os mapas, as cartas e as plantas – partindo de uma escala menor para uma escala maior, tendo ao final do processo um leitor crítico. O aluno trabalha com produtos já elaborados, portanto, será um leitor de mapas, porém um leitor crítico e não um aluno que simplesmente usa o mapa para localizar fenômenos;
- b) num segundo eixo, o aluno é participante efetivo do processo, tendo como resultado um aluno mapeador consciente que trabalhará tanto com a imagem tridimensional, quanto com a imagem bidimensional. Como? Através de maquetes (que é uma representação tridimensional) e os croquis (que são desenhos e mapas mentais cuja representação é bidimensional). A grande diferença em relação ao primeiro eixo é que o aluno, efetivamente, vai participar do processo de mapeamento ao confeccionar a maquete, o mapa ou o croqui.



Fonte: Simielli (1996), adaptado pelos autores (2021).

Figura 1. Caminhos Metodológicos para a formação do aluno leitor crítico e mapeador consciente – Simielli (1996).

Tendo como base a característica social desta modalidade de cartografia, que por um lado valoriza os espaços percebido, afetivo e vivido pelos indivíduos e por outro contempla suas experiências, levando-os as diferentes leituras espaciais, buscamos desenvolver os croquis cartográficos a partir da sequência pedagógica da elaboração do MAPA MENTAL DO BAIRRO DE VIVÊNCIA DOS ALUNOS, onde são indicados os objetivos, conteúdo, material, tempo de aplicação, marcos de avaliação, além das habilidades e competências propostas pela BNCC, observados na Figura 2.



Fonte: Autores (2021)

Figura 2. Ficha de Trabalho do Mapa Mental do Bairro de Vivência.

Para Richter (2011):

[...] o mapa mental é uma representação gráfica de um determinado espaço geográfico feita a partir da percepção e subjetividade do autor do processo. Nesse caso, as informações contidas nesse tipo de mapa partem da intencionalidade, da leitura e da visão de mundo particular desse indivíduo, levando em consideração sua imaginação e vivências próprias (KOZEL, 2007 apud RICHTER, 2011). Assim, o mapa mental contém informações consideradas desnecessárias ou sem valor científico para os padrões da cartografia cartesiana, como: escala,

orientação, título, uso de variáveis visuais, coerência entre legenda-conteúdo, entre outros aspectos. Contudo, ainda para o mesmo autor, a importância de se trabalhar o mapa mental está no fato de que essa concepção de mapa possibilita a formação de indivíduos capazes de compreender o mapa para além do processo de cópia, tornando-se uma linguagem que contribui para a expressão e interpretação do cotidiano. (RICHTER, 2011, p. 9-10)

Todavia, por se tratar de uma pesquisa desenvolvida com alunos que estão privados de liberdade e que, por vezes, estão muito distantes de suas casas é importante ressaltar que a percepção e elaboração do croqui cartográfico se construiu a partir das lembranças e memórias, materializadas pelos mapas mentais, dos espaços em que eles estão, atualmente, inseridos (prisão). Diante disso, se justifica a utilização desta importante prática cartográfica em que reverbera memória, identidade e afetividade às paisagens vividas.

RESULTADOS: A LEITURA DA PAISAGEM PELOS CROQUIS CARTOGRÁFICOS DOS ALUNOS DA EJA

Pelos resultados obtidos, podemos constatar que a Cartografia Social foge aos padrões tradicionais de representação gráfica e visual da cartografia. Com auxílio do raciocínio geográfico, esse processo cartográfico pode ser explorado para abordar as diferentes temáticas da Geografia. Nesse caso, ela se mostra uma das melhores formas de representar o espaço vivo e conseguir fazer com que os alunos entendam as dimensões daquilo que é vivido, sentido e percebido.

[...] através dos croquis, os alunos são convidados a estabelecer situações a serem cartografadas, levantando dados e informações para que possam futuramente analisar as demandas visibilizadas nos mapas. (VIEIRA; ZACHARIAS, 2020, p.1128).

Os croquis cartográficos, por se tratar de um desenho rápido, que não exige muitas técnicas, sintetizam as informações necessárias para serem exploradas, durante as aulas, tornando-se uma importante metodologia. Esta composta por práticas espaciais que devem ser utilizadas para entender e ler o espaço geográfico e, assim, construir o raciocínio geográfico.

A partir dos mapas mentais os alunos são convidados a começar a elaborar o croqui cartográfico do seu lugar de vivência, quando em liberdade, para que após sua realização se inicie as discussões em torno de conceitos geográficos, como paisagem e o território ou tantos outros que possam surgir sobre o levantamento de ideias.

Para Richter (2011), neste processo, o mapa mental é:

[...] analisado como um recurso que permite a construção de uma expressão gráfica mais livre, tendo a perspectiva de que o estudante possa transpor para essa representação espacial os conteúdos geográficos aprendidos ao longo da

educação básica. Assim, além de utilizar a fala, a escrita, a imagem ou o próprio mapa convencional/tradicional, o aluno terá a oportunidade de apresentar num mapa mental suas interpretações a respeito de um determinado lugar, provenientes de leituras mais científicas da realidade. (RICHTER, 2011, p. 18).

De acordo Simielli (1996), os principais tipos de croquis que interessam à área da cartografia são: croqui de análise-localização, croqui de correlação e croqui de síntese (Quadro 1).

Quadro 1. Tipos de Croquis Cartográficos - Simielli (1996).

TIPO DE CROQUI	FINALIDADE
LOCALIZAÇÃO E ANÁLISE	É aquele em que o aluno apresenta apenas um determinado fenômeno geográfico para poder analisá-lo
CORRELAÇÃO	É aquele que correlaciona dois ou mais fenômenos geográficos que ocorrem no mesmo espaço. A escolha dos elementos correlacionados será feita pelo estudante. Isso é importante, pois o estudante terá a autonomia de escolher os elementos mais pertinentes para a situação didática proposta.
SÍNTESE	É quando o estudante analisa, correlaciona e chega a uma determinada síntese daquele espaço geográfico, elaborando um mapa (croqui) de síntese. O interessante é que o estudante é o próprio autor do processo e do produto, isto é, do croqui.

Fonte: Simielli (1996), organizado pelos autores (2020).

Nesta lógica, a seguir, discutiremos os resultados obtidos em 2 (dois) croquis cartográficos elaborados por 2 (dois) reeducandos: **M.H.L.S (30 anos)**, e **A.F.G (38 anos)**, matriculados no 2º ano do Ensino Médio, durante a aplicação das aulas de Geografia, no mês de fevereiro de 2020.

Sobre isso, primeiramente vale destacar que este foi o primeiro passo adotado na construção dos mapas regionais dos alunos em situação de privação de liberdade. Nesses mapas, os alunos apresentaram a delimitação do território do seu bairro, ruas, estradas, comércios, escola, postos de saúde, pontos de vendas de drogas e prostituição. Além destes, representaram aspectos naturais, como lagos, rios, vegetação e plantações.

Ao inserir esse procedimento em sala de aula, durante as aulas de geografia, foi possível um maior engajamento dos alunos, dada a possibilidade de justapor a teoria e a prática. A prática metodológica, nesse sentido, permitiu aos alunos maior protagonismo e mesmo autoria na elaboração do próprio mapa e representação espacial, refletindo teoricamente sobre suas realidades sociais, ambientais, naturais, culturais, políticas, além da história de vida no local de vivência, a partir dos mapas por eles elaborados. Ainda, após o término dos croquis, os alunos continuaram a fazer levantamento de dados até a produção a final do mapa. As informações foram ampliadas e o mapa mental (croqui) foi produzido com diferentes elementos cartográficos apontados, identificados, codificados e espacializados pelos reeducandos.

Esses croquis cartográficos representados pelos alunos serviram como base para as discussões e revisão literária da aplicabilidade dos conceitos de Paisagem e Território/Territorialidade.

A retratação em parte de um bairro periférico feito pelo estudante de forma harmoniosa não deve ser analisado como algo finalizado, mas é preciso ser compreendida como estrutura de um espaço desigual.

[...] a delimitação não deve nunca ser considerada como fim em si, mas somente como um meio de aproximação em relação com a realidade geográfica. Em lugar de impor categorias pré-estabelecidas, trata-se de pesquisar as descontinuidades objetivas da paisagem. (BERTRAND, 2004, p. 148)

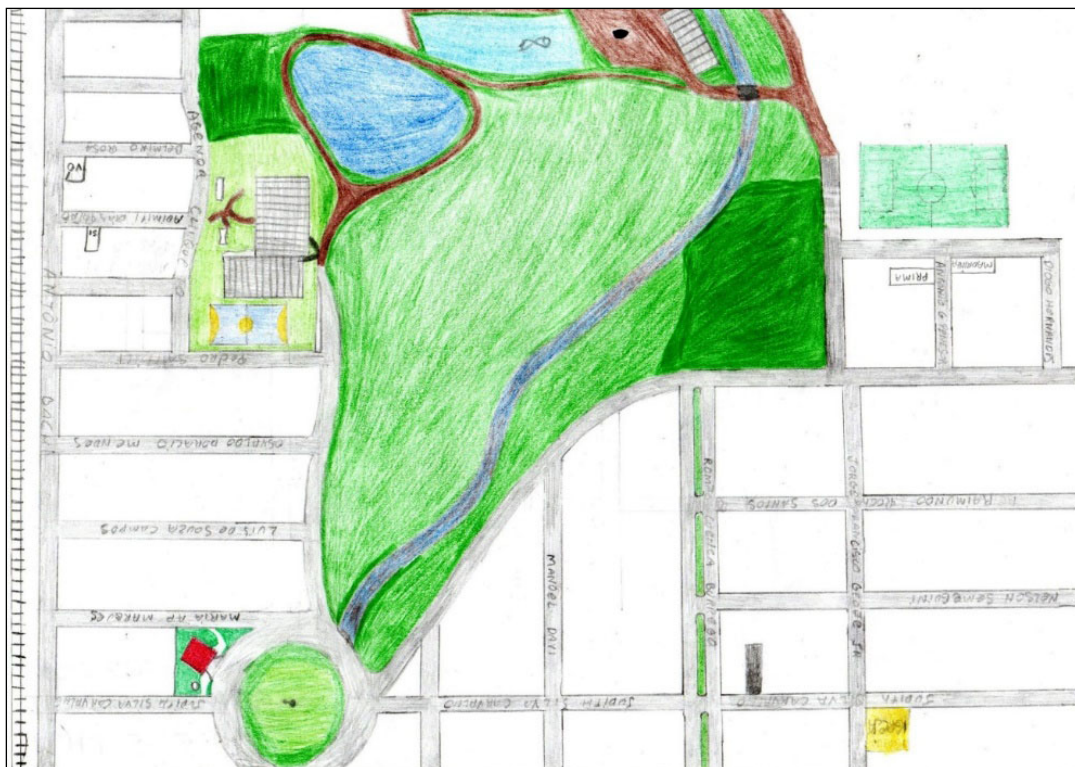


Figura 3. Croqui Cartográfico 1 elaborado pelo reeducando M.H.L.S (30 anos) do EM da EJA.

Em se tratando de um desenho que envolve a percepção, memória e sentimento, podemos realizar alguns apontamentos, tais como: a) a representação de apenas algumas casas de seus familiares; b) a Igreja como ponto de referência (que também foi representada em cor) e; c) os nomes de todas as ruas do bairro, ficando claro o conhecimento do seu território.

Fica evidente que a leitura da paisagem pode demonstrar a relação de pertencimento a seu local de vivência e a ausência de algumas representações que não façam mais parte de sua memória, mas que existem nesse espaço.

Além disso,

[...] a paisagem urbana não é homogênea; ela revela problemas ambientais diferenciados. Cada lugar é a expressão de intervenções diferenciadas, que expressam em ambientes mais “limpos” e em ambientes mais “sujos” ... Estes, por sua vez compreendem territórios que se definem pelas condições de existência das populações moradoras das cidades, revelando desigualdade sociais e ambientais, que se produzem. (SUERTEGARAY, 2021, p. 56)

Justamente a análise da paisagem, por meio do croqui elaborado, pode possibilitar ao estudante compreender as condições em que, muitas vezes, o levaram a estar na situação atual, privados da liberdade e que são frutos do espaço, paisagem e território que foram inseridos. Pois,

[...] seja em que sentido for, uma leitura integrada do espaço social é hoje relativamente pouco comum, como se pode depreender das próprias abordagens “unidimensionais” aqui comentadas. Fica evidente neste ponto a necessidade de uma visão de território a partir da concepção de espaço como um híbrido – híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, entre materialidade e “idealidade”, numa complexa interação entre tempo-espaço [...] (HAESBAERT, 2011, p. 4)

Fazer a leitura de todos esses aspectos permite contribuir para a formação de políticas públicas eficientes, tanto sociais quanto urbanas para que áreas como essas não sejam tão desvalorizadas pelo poder público e sociedade. Tal fato importa, uma vez que homem e natureza são produtos sociais, construídos por uma grande interação.

Croqui Cartográfico 2

O Croqui Cartográfico 2 (Figura 4) foi construído pelo reeducando A.F.G, de 38 anos, do Ensino Médio da EJA, onde ele representa o bairro Copacabana, localizada na cidade de Belo Horizonte – MG/Brasil.

Ao realizar a leitura do croqui cartográfico, analisando o território e a territorialidade, podemos perceber que o aluno utilizou uma planta urbana, fazendo uma representação em cores no qual utilizou de símbolos pictóricos para representar seu espaço vivido. Ao inserir uma

legenda percebemos que o aluno representou: lugares de violência (arma), Posto de Saúde (Cruz vermelha), casa que considera “boa” (casa com telhado), ponto de tráfico (cigarro aceso e uma embalagem), bar (garrafa e copo), lazer (coração – provável ponto de prostituição), além de barracos (pequenos quadrados sem telhado) que indicavam as comunidades, entre outros.

Ao lançar os olhos a esse Croqui Cartográfico, notamos que existem diferentes territórios que são constituídos dentro de um mesmo espaço, mas que exercem influências sobre o ambiente em que estavam inseridos.

[...] Esta análise é cada vez mais importante, no contexto da cidade e para além dela, mas não impede de analisarmos os espaços geográficos, entre eles, o da cidade, como: território/ territorialidade, paisagem, lugares, entre outros. (SUERTEGARAY, 2021, p. 50)



Fonte: Autores (2020 e 2021).

Figura 4. Croqui Cartográfico 1 elaborado pelo reeducando A.F.G (38 anos) do EM da EJA.

O conceito de Território está relacionado com o poder (Estado), mas também está conectado com a apropriação que a sociedade faz em relação ao espaço geográfico. Dessa maneira, por termos diferentes formas de apropriação do/no espaço, percebemos a multiterritorização que foi expressa de um modo ímpar nesse croqui cartográfico.

[...] Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação (“possessão”, “propriedade”), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor da troca. (COSTA, 2004, p. 20)

Atentamos, ainda, para os locais que apresentam pontos de venda de drogas. Tais lugares são aqueles que, de igual modo, apresentam os “piores” tipos de moradia e onde temos a presença de um carro de polícia, como controle e segurança por parte do Estado. Contudo, isso não impede que esses múltiplos territórios se constituam.

Um pouco mais abaixo, notamos o desenho de várias pessoas na rua, carro de som e o mesmo tipo de moradia e, da mesma forma, encontramos o carro de polícia (segurança pública). O que se dá a ver, no desenho, é a criação de um território próprio. Vale ressaltar que encontramos nessa região lugares que foram incluídos como ponto de tráfico e violência.

Esses múltiplos territórios, no ambiente da paisagem, vão se construindo ao longo do tempo e compreendendo situações diferentes como, por exemplo, podemos utilizar as moradias sintetizadas no croqui cartográfico como “casa boa”, na qual observamos que nessa região não existem problemas urbanos como: a violência, os pontos de drogas e tantos outros representados, espacialmente, a partir da memória do estudante. Podemos verificar, além disso, que as casas estão mais organizadas, temos a presença de transporte público, quadra de esporte e até mesmo algumas piscinas.

[...] É imprescindível, portanto, que contextualizemos historicamente o “território” com o qual estamos trabalhando. Se nossa leitura for uma integradora, o território respondendo pelos conjuntos de nossas experiências ou, em outras palavras, relações de domínio e apropriação, no/com/através do espaço, os elementos-chave responsáveis por essas relações diferem consideravelmente ao longo do tempo. (COSTA, 2004, p. 21)

Ao fazer a leitura de todo o croqui, notamos as dicotomias existentes no espaço vivido, percebido e sentido pelo aluno e o tamanho da segregação socioespacial existente nos diferentes ambientes de seu território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos croquis cartográficos elaborados, podemos constatar que as práticas de representação e percepção dos fenômenos geográficos, a partir do bairro de vivência, ganharam dimensão em relação à mensuração das operações cognitivas e suas noções espaciais. A observação se faz possível uma vez que os envolveu de tal forma que

podemos dizer que as aprendizagens foram significativas e (res)significativas, dando-lhes a oportunidade do processo de (re)construção das noções de localização, proporção, distância e legenda, além da leitura crítica das diferentes paisagens do espaço urbano, durante a leitura mundo.

Desta forma, os mapas mentais dos lugares de vivências, viabilizados pelos croquis, mostram-se metodologias eficientes para o entendimento dos diferentes ambientes da paisagem. A construção de mapas e croquis durante o processo de ensino- aprendizagem, quando em conjunto com a construção de conceitos geográficos e sua socialização no ambiente escolar, ajudou a desenvolver as competências e habilidades de alunos, tornando-os mapeadores perceptivos, críticos e conscientes sobre a sua realidade.

REFERÊNCIAS

- BERTRAND, Georges. **Paisagem e Geografia Física Global**. Esboço metodológico. R. RA 'E GA, Editora UFPR, Curitiba, n.8, p. 141-152, 2004.
- COSTA, Rogério H. **Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade**. Porto Alegre, Set/2004.
- COSTA, Rogério H. da. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Noções cartográficas para base operacional geográfica 1º vol**. 1985. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv81663_v1.pdf>. Acesso em 11 jul. 2022.
- REGO, N. *et al.* **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- RICHTER, D. **O mapa mental no Ensino de geografia: Concepções e propostas para o trabalho docente**. Cultura Acadêmica – Editora UNESP. São Paulo. 2011.
- RICHTER, D.; MORAES, L. B. de. A Cartografia Escolar na BNCC de Geografia do Ensino Fundamental: uma análise do pensamento espacial e do raciocínio geográfico. In: ROSA, C. do C; BORBA, O. de F.; OLIVEIRA, S. R.L. (org). **Formação de Professores e Ensino de Geografia** – contextos e perspectivas. Goiânia: C&A Alfa Comunicação. 2020. p. 141-168.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SIMIELLI, M.E.R. Do Plano ao Tridimensional: a maquete como recurso didático. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo/SP. AGB. Nº 70. p. 5-20. 1991.
- SIMIELLI, M. E. R. **Cartografia e Ensino: proposta e contraponto de uma obra didática**. 1996, 300f. volume 1 e 2. Tese (Livre Docência). DG/FFLCH/Universidade de São Paulo-SP, São Paulo, 1996.
- SIMIELLI, M.E.R. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In: CARLOS, A. F. A. (org). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Editora Contexto, 1999, p. 92-108.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antudes. **Meio ambiente e geografia**. Porto Alegre: Compasso Lugar- Cultura, 2021.

VIEIRA, J.M.G; ZACHARIAS, A. A. Leitores de mundo em privação de liberdade: os croquis cartográficos dos alunos do EJA pelo sistema prisional de Assis/SP. XI Colóquio de cartografia para crianças e escolares. **Anais**, Pelotas/RS, 2020.

VIEIRA, J.M.G; ZACHARIAS, A. A. Educação não formal e leitores de mundo em privação de liberdade: os mapas mentais, os croquis cartográficos e o olhar espacial dos alunos do ensino médio da EJA na unidade de Assis/SP. In: **Ensino de Geografia** [livro eletrônico]: teorias e experiências. Org. PEDROSO, L. B. Ituiutaba/MG: Editora Zion, 2021.